ANO 6.º — Sexta-feira, 10 de Outubro de 1913 — NUMERO 292

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

As festas de 5 no Porto

De fugida, o guarda-chuva agarrado sobre a cabeça e cortado o meu rapido passeio de constantes paragens para me abrigar nalgum portal dum inesperado recrudescimento da chuva, assim passei *á vol doiseau* uma vista de olhos pelas festas comemorativas do 3.º aniversário da Republica na Invicta cidade das tripas.

Pouco antes lêra eu num jornaléco qualquer de caricaturas, que na amada Lisbia vê a luz da publicidade, jornaléco a que num proximo artigo me referirei especialmente, lêra, eu, dizia, uma local a proposito das festas de 5, onde se classificava de *pifia* a ornamentação das ruas de Lisboa para a comemoração projectada.

Bordejando pelas ruas do Porto na atitude de mirone provinciano, despreocupado, ou antes, apenas preocupado com a chuva que fustigava por todos os lados os infelizes festeiros, pude, na verdade, constatar que tambem no Porto a ornamentação das ruas era *pifia* para rememorar tão notavel data; era quasi miserrima para a grandiosidade do dia glorioso que se celebrava.

Mas... Ah!... que não é só com mastros desbotados pelo suor, com balões baratos e bandeiras remendadas que se fazem festas!

Ah!... que nésta circunstancia de formidavel peso não atentou o jornaléco e foi fazendo a apreciação, enquanto a festa era só de mastros e de balões, para não ter que falar depois dos que deviam animar, dar vida a esses balões vazios, a esses mastros sem côr!

Foi falando do cenario em que a cêna ia desenrolar-se, para não ter de se ocupar dos actores que a desempenhavam!...

Criticou o guarda-roupa, para se esquivar a falar do desempenho da peça!...

Finorio como bom... *talassa* que é, se bem que tais processos são mais do que *talassicos*, porque são jesuiticos.

Ora eu não sei como em Lisboa correram as festas. Aqui, no Porto, — como reanima as energias perdidas, como insufla alentos novos, como encoraja e dá animo e dá valôr vêr em cenario tão pobre, o entusiasmo, a sinceridade, o colorido do desempenho, ás vezes até debaixo de chuva!

Quem obrigava os actores? Ninguem. E' que os actores eram o povo; o povo que era autor e actor e publico, o povo, que longe de perder os entusiasmos de ha três anos, cada vez se afervora mais nésse culto novo que ergueu em holocausto á Liberdade, que a Republica simbolisa.

A chuva? Mas que importava a chuva? Um portal, uma barraca no mercado, meia duzia de guarda-chuvas abertos, abrigam dezenas de pessoas bem conchegadas.

A chuva passa e as musicas ouvem-se imediatamente, o entusiasmo esfuzia, os bailados organisam-se e a cidade anima-se logo, logo.

Rompem as catadupas do céu em diluviana carga e tudo desaparece menos o calor do entusiasmo.

Os grupos desfazem-se para reaparecerem pouco depois com o mesmo *entrain*, com o mesmo inexgotavel jubilo.

E' que o povo ama a Republica, e o facto de lhe andarem a segredar ao ouvido *que não era esta a Republica porque se esperava*, para o divorciarem déla, ao ouvir-lhe o grito de chamamento êle esqueceu tudo para correr para Ela.

Ah! E' que o povo na sua ainda grande ignorancia, tem a intuição nitida de que só a Republica póde salva-lo, e o resto não é mais do que o canto da sereia com que procuram adormece-lo... para acabar a obrinha suspensa ha três anos...

Humberto Beça

FILMS...

Eleições

Por decreto no *Diário do Govêrno* publicado, fôram marcados os dias 16 e 30 de novembro para nêles terem logar, respectivamente, as eleições parciaes de deputados nos circulos onde houvér vagas e dos corpos administrativos municipaes, com representação de minorias, ficando as de junta de paroquia para 14 de dezembro seguinte como preceitúa o mesmo decreto.

Pouco falta, pois, para que o país entre na verdadeira normalidade e se veja qual a vontade da nação.

O indulto

Nada menos de trezentos e tantos condenádos politicos saíram ultimamente das prisões onde se achavam por terem atentado contra a estabilidade da Republica, produzindo alteração da ordem de que resultou em alguns pontos conflitos gráves. Mas como as principaes figuras dêsses movimentos ainda ficáram a gancho, barafusta a oposição que o indulto do dia 5 havia de ser geral e até, para consolidar melhor o regimen, havia de ser dada uma aministia.

Não se comenta. Tanta benevolencia, se não é uma cobardia, atinge pelo menos fóros de incapacidade ultra-comica.

Que admira?

Em carta de viagem enviada ao *Dia* e que este publicou no dia 4, comunica-lhe o conhecido advogado Cunha e Costa e ao mesmo tempo *jacobino*, como a si proprio se chama, que *não podendo, por doença, assistir á missa que na catedral de Lucerna e em acção de graças celebrou a colonia portuguêsa* por ocasião do casamento de D. Manuel, enviou no entanto a este o seguinte telegrama:—*Cumprimentos respeitosos e comovidos ao excelente português que Vossa Magestade sempre foi.*

Acentua ainda o *jacobino* sr. Cunha e Costa que só depois de expedido este telegrama *a sua consciencia e sensibilidade tivéram descanço.*

Tambem acreditâmos. Ou o sr. Cunha e Costa não seja uma alma que se propõe ir para o céu confortada com todos os sacramentos...

Nodoas...

Que não lê o *Democrata*, que nos desprésa, que sente, a maior repulsão por nós—afirma o *Bébes* a todo o momento. Contudo não lhe escapou a receita aqui publicada para tirar nodoas de vinho e tão intimamente satisfeito parece ter ficado por ensinarmos os borrachões a serem limpos que até lhe deu a veneta para dissertar sobre nodoas em geral como que a querer mostrar o seu reconhecimento pela nossa lembrança que, com franquêsa, não merece tanto...

Mas sempre filosofo, a seu modo, o pobre diabo...

O 3.º ANIVERSARIO DA REPUBLICA

As festas comemorativas do 3.º aniversário da proclamação da Republica, ainda que geralmente prejudicadas pelo mau tempo, atingiram em todo o caso intensa vibração em Lisboa, Porto e ainda em outras cidades.

Entre nós, desde a hora inicial da revolução até segunda-feira, a chuva não nos deixou, chegando comtudo a ser engalanado o Largo da Republica onde deveria ouvir-se nma musica, o que não poude ter logar, resumindo-se as festas á alvorada pela fanfarra do Asilo e ao constante estoirar dos morteiros e foguetes.

Na manhã do domingo, pela junta de paroquia da freguezia da Vera-Cruz, de que é presidente o prestimoso republicano nosso conterraneo e amigo, Manuel Rodrigues Paula Graça foi distribuido a cada um dos 120 pobres um bôdo composto de 1 kilo de pão, meio de carne, arroz, toucinho e 10 centavos em dinheiro, acto a que assistiram todos os dignos membros da referida junta e que foi saudado por inumeros foguetes.

De resto, a persistente invernia impediu que a comemoração do grandioso dia podésse tomar outro aspecto e proporções.

Gratidão

Maria do Carmo Alves Ribeiro e Arnaldo Ribeiro, a todas as pessoas de quem receberam cumprimentos por ocasião da morte de sua presada mãe e sogra, veem por este meio manifestar o seu reconhecimento suprindo assim qualquer falta que involuntáriamente tivéssem cometido.

Aveiro, 12 de Outubro de 1913.

NO MINISTERIO DO FOMENTO

O papão das ajudas de custo e a celebre sindicancia á direcção das Obras Publicas de Aveiro

Com êste titulo e sub-titulo, lê-se no diário vespertino de Lisboa, *O Rebate*:

Não ha no Ministério do Fomento um só empregado que não fale no grande escandalo que constitue o capitulo das ajudas de custo!

Aquilo é uma das mais singulares explorações que ainda subsistem do tempo da *ominosa*.

Engenheiros, arquitectos, conductores e todo o fiel talassa-ajesuitado e difamador da Republica, recebem, sob o mais futil pretexto, grossas quantias de ajudas de custo e serões!

Abonos se tem feito que constituem verdadeiros roubos, como roubos se praticam dia a dia nos objectos de expediente fornecidos ao Ministério!

Engenheiros ha que recebem, em ajudas de custo ordinárias e extraordinárias, importancias superiores ás dos seus vencimentos! E dizem-nos que nêstes casos está o sr. Augusto Julio Bandeira Neiva, ex-director das Obras Publicas de Aveiro, que sofreu uma sindicancia mas, na qual, dizem que por ter sido feita por um outro engenheiro, só se apuraram algumas irregularidades *não criminosas;* em virtude do que apenas fôram castigados os empregados que indicaram aquélas irregularidades!!!

Tambem se apurou que em prejuizo do serviço publico e representando a mais descarada protecção a inimigos da Republica, ali se permite, sem motivo algum honésto, a acumulação de pessoal técnico que faz falta noutras direcções em que os serviços, em regra, são prejudicados por falta de pessoal!

Assim, emquanto outras direcções de Obras Publicas sem duvida mais importantes, tem dois ou tres conductores apenas, em Aveiro estão *nove!!*

Do mesmo modo, ao passo que poucas são as direcções de obras publicas que tem mais que um desenhador, em Aveiro, estão *cinco*, isto é, mais do que no Porto!!!

E' o caso dos *nichos* para os engenheiros talassas e conspiradores.

Emquanto ha direcções como a de Castelo Branco para onde se não tem encontrado um engenheiro que ali queira fazer serviço, acham-se anichados aos montes nas várias repartições do Ministério do Fomento.

Assim, no celebre conselho dos melhoramentos sanitários—especie de albergue de inválidos—estão anichados antigos arranjistas e confessos conspiradores.

Ora aquêle *conselho* reune, quando muito, uma vez por semana, e os engenheiros, seus vogaes, assistem ás reuniões quando querem; apenas o que desejam é justificar as folhas de ajudas de custo e ordenádo de categoría e exercicio! Uma perfeita pouca vergonha que se não explica, sendo ministro do fomento o sr. Antonio Maria da Silva, republicano e carbonario.

Na repartição do pessoal e caminhos de ferro estão 3 engenheiros quando na opinião dos competentes bastaría um que podia ser chefe, homem sério e que julgâmos não errar dizendo que não odeia a Republica.

Os dois restantes, porém, srs. Alvaro Rego e Dantas, asseguram-nos que são dois declarados inimigos da Republica, ocupando de preferencia o pouco tempo que permanecem na repartição a abocanhar as instituições e os seus homens mais categorisados, conforme já foi dito e comprovado na imprensa.

Porque é que se não inspecciona o trabalho que cada engenheiro ou empregado de outras categorías desempenham nas suas repartições?

Vêr-se-ia a que alturas sobem as irregularidades que se praticam no ministério do fomento, que continúa sendo a antiga cavérna do cáco.

E' uma grande verdade ésta, mas ainda o articulista do *Rebate* não disse tudo. Em Aveiro fizéram-se acusações gravissimas á direcção das Obras Publicas. Apontaram-se nomes, indicáram-se faltas, clamou-se por um saneamento geral nésta repartição. Pois não obstante isso, e feita uma sindicancia, que não devia ter ficado barata ao Estado, e tudo continúa na mesma! Só cá não está o sr. Paulo de Barros, naturalmente porque arranjou posta melhor, nem o sr. Bandeira Neiva, que foi transferido, segundo dizem, por se lhe terem encontrado algumas irregularidades. De résto, uma aluvião de pessoal sem ter que fazer e dentre êle reconhecidos *talassas* sempre prontos a difamarem a Republica em toda a parte onde se encontrem a fazer jus ás taes ajudas de custo—verdadeiro maná para cértos *meninos bonitos*—como ainda ha pouco sucedeu em Agueda onde chegou a haver um conflito pessoal de que não levou a melhor o empregado que tão mal sabe compreender os seus deveres. Se ainda ao menos dissésem verdades...

Em conclusão: o país precisa de gente que trabalhe, de gente que honéstamente cumpra as suas obrigações.

Tudo o que não fôr isto, tudo que seja proteger o parasitismo é um mal não só para as finanças do Estado, mas para as proprias instituições que acabarão por se relaxar como relaxada morreu a monarquia.

PELA IMPRENSA

Recebemos a visita do *Jornal de Alemquer*, semanário republicano independente que no domingo encetou a sua publicação, assim como a de *O Parolo*, quinzenário humoristico do Porto e a do *Noticias de Vila Real*, órgão do Centro Democratico, que vai já no seu terceiro ano.

Os nossos cumprimentos de bôas vindas.

= Por ter concluido o 2.º ano de existencia, felicitâmos o nosso colége de Lisboa, *O Povo*.

O *Povo* é um jornal que pugna pelos verdadeiros principios democráticos defendendo altivamente e com superior critério as instituições de hoje, honrando assim não só o seu programa como ainda as velhas tradições dos seus redactores, os nossos amigos Ricardo Covões e Abel Sebrosa.

Que o brilhante jornal lisbonense prosiga a sua rota sem desfalecimentos nem outra qualquer especie de desanimo, é tudo quanto lhe apetecêmos.

= Publicou-se com 20 paginas o numero de domingo do importante diario do Porto, *A Montanha*, onde a par de variada e interessante colaboração se destácam belissimas gravuras tudo alusivo ao aniversário que nêsse dia se comemorou da proclamação da Republica em Portugal.

= Até nós veio tambem um numero unico que saíu em Coimbra com o titulo de *5 de Outubro*, destinado a solénisar ésta data de rejuvenescimento nacional.

Colaboram nêle alguns escritores conhecidos no meio coimbrão.

Nova carta

Meu caro Ribeiro

Não me esquivo a agradecer a publicação da minha carta, embora éla tenha tido essa distinção mais pelo assunto referido do que pela fórma como êle fôra tratado. Não sei escrever para o público, meu amigo, e daí deficiencias que só o habito corrige e a prática modifica. Comtudo, para combater a maldita seita que rasgou o verdadeiro evangelho e calcou a pura doutrina de Deus para a transformar, a seu talante, num manancial de verdadeira exploração, profanando as tres bases em que assenta todo o programa religioso—Caridade, Amor, Perdão—para êsse combate apareço sempre, com o que posso e como posso, para não faltar á chamada nem abandonar o campo da batalha contra os peores inimigos da Humanidade.

A coincidencia, porém, permitiu que, com a minha carta, outra visse a luz da publicidade devido á penna do digno sacerdote, o padre Guimarães, paroco em Esgueira.

Vergasta êle com verdades como punhos, as imbecilidades dum dos defensores da seita. Ha quem a defenda com talento, mas por paga ou por conveniencias e interesses e tambem quem o faça por ignorancia e absoluto desconhecimento da historia.

Esse pobre de espirito que o digno padre Guimarães amachuca pertence aos ultimos e não sabendo fazer a mais leve distinção sobre o assunto, como ignorante e estupido, que é, acredita nos maiores erros com a facilidade com que os engole qualquer camponio. Daí escrever baboseiras que fazem as delicias dos indigenas conterraneos que consideram o escrevinhador, confrontado com a sua rudeza e profunda ignorancia, um digno émulo de qualquer dos sete sábios da Grécia!...

Quereis medir o adeantamento dum povo? Conhecei da extensão das suas crenças religiosas.

E' uma regra estabelecida por um notavel escritor, grande espirito de investigação, que nos dá o resultado obtido em observações realisadas e que hoje se conhece á primeira vista, ao mais leve trabalho que para isso queirâmos ter.

Sem duvida que a população duma aldeia é sempre fanaticamente religiosa, crendo e acreditando no que haja de mais inverosimil, tanto mais quanto necessita de educação e de instrução, que as não tem. Precisamente o inverso com o que se dá nas cidades e nos centros onde a civilisação não é uma palavra vã.

Não nos admiremos, comtudo, que dentre nós apareça um ou outro ignorante, estupidamente orente, sem noções bastantes para contrapôr a falsos principios que cáem ao embate da primeira duvida, á mais leve e racional observação, como sucéde com o *escorropicha galhetas Romano* que o padre Guimarães mete no bolso.

Os peores cégos são os que não querem vêr.

Mas ainda que êste renintentemente queira manter o retrocésso do seu espirito, negando-se a aceitar a luz da verdade que permite a observação da purêsa de todo o Ideal cristão, vindo directa e inalteravel das proprias palavras do Evangelho, sempre me resolvo

a narrar um episodio rigorosamente verdadeiro e historico e que é bem profundamente mais extraordinário do que pretender pôr em duvida o direito e a legalidade da estada do padre Guimarães em Esgueira, substituindo o famigerado padre Gil que, desrespeitando as leis do Estado—que é a nação—abandonou a egreja para não reconhecer a cultual, organisada por os proprios membros da irmandade da invocação do Santissimo, declarando o padre a egreja excomungada e todos que néla déssem ingrésso!

Que santa resolução a cobrir uma das mais refinadas velhacarias que o cléro, ás ordens da seita negra, representada por êsses bispos, por aí fóra tem posto em prática contra a Republica!

Mas vamos ao caso. E' sabido que o *scisma* é o acto de separação ou de rebelião feita pelos individuos que se separam da comunhão da sua egreja. Regista a historia diversos casos dêsse género mas o mais vergonhosamente escandaloso dêles foi o que se deu na egreja católica em 1377 com a morte de Gregorio XI. Eleito seu sucessor Urbano VI por um conclave composto de 16 cardeaes, dos quaes 15 eram francêses, êsse mesmo conclave, pouco tempo depois, pela boca dos 15 cardeaes francêses levados por motivos e interesses que a tal decisão os moveu, *declararam a eleição nula por ter sido feita sob a pressão do povo* e procedendo a outra eleição déla resultou ser feito pápa—Clemente VII. Corria o ano de 1378 e emquanto Urbano, estabelecendo-se em Roma, era reconhecido pela Alemanha, Italia, Hungria e Inglaterra, Clemente assentava arraiaes em Avinhon com o apoio da França, Escocia, Castela etc. Decorrem os anos mantendo-se êste estado de cousas e obedecendo uns a Roma outros a Avinhon.

O pápa Urbano, em Roma, foi tendo como sucessores dos conclaves ali realisados, Bonifacio IX, Inocencio VII e Gregorio XII.

Em Avinhon, a Clemente, sucéde Bento XIII.

Estavam as cousas nêste pé, com dois pápas e a humanidade cristã dividida em dois grupos que mutuamente se diziam *scismaticos*, fóra da verdadeira egreja e portanto excomungados, quando em 1509, vingando uma corrente que tentava vencer e pôr termo áquéla escandalosa e deprimente situação apoiada pela universidade de Paris e por muitos cristãos, fez reunir em Pisa um concilio que elegeu *como verdadeiro*, o pápa Alexandre V.

Por sua vez depõe êste os outros dois, que se recusam a obedecer, ficando assim a egreja com **tres pápas que se excomungam uns aos outros** e com a agravante de eles mesmos desmoronarem para sempre a refalsada mentira de que *é o Espirito Santo quem preside á eleição do pápa, inspirando os votantes do conclave*, que ainda hoje, quando tal acto se realisa, se encérram e isolam tres dias para receberem a inspiração divina transmitida pelo tal Espirito Santo!

Durou ésta situação 39 anos, pois só em 1417, quando foi eleito Martinho V, se conseguiu compensar ambições e harmonisar despeitados e então o Espirito Santo permitiu que ficasse sómente o Martinho impunhando o cétro do rei dos reis.

Edifiquêmo-nos agora, reproduzindo alguns periodos do texto das excomunhões com que se brindavam éssas santas creaturas, todas de posse dos mesmos direitos e das mesmas razões:

Excomungâmos e anatemanisâmos êsse malfeitor que se faz chamar (o nome do excomungado) *e o consignâmos fóra do limiar da Santa Egreja de Deus.*

. . . .

Maldito seja durante a vida e a hora da morte.

Maldito em cada uma das suas acções, quando comer ou beber, quando tiver fome ou sede, quando jejuar, quando dormir ou estiver parado, se sentar ou se deitar, quando trabalhar ou descançar, quando satisfizer as suas necessidades naturaes, quando se entregar á volutuosidade, quando perder o sangue por uma ferida (mingendo, vacando fleboromando).

Maldito seja em todas as faculdades do seu corpo.

Maldito seja em tudo que constitue o seu ser interior e exterior!

Maldito seja nos olhos e no cérebro.

Maldito seja no craneo, nas fontes, na fronte, nas orelhas, nas sobrancelhas, nas faces, nos queixos, nos labios, na garganta, nos hombros, na carne, nos braços, nas mãos, nos dedos, no peito, no coração, no estomago, nas entranhas, nos rins, nas virilhas, nas côxas, nos orgãos genitaes, nos quadrís, nos joelhos, nas pernas, nos pés, nos artelhos e nas unhas!

Maldito seja em todas as junturas e articulações dos membros! Oxalá a doença lhe corrôa o corpo do alto da cabeça á planta dos pés.

E sáe isto da mão dos que na terra se dizem representantes de Deus, que prescreveu nos seus mandamentos—*amae-vos uns aos outros!* Do Deus que estabeleceu o grande principio—*não façar a outrem o que não queres que te façam a ti!*

Resta-nos, comtudo, a nossa Razão, o nosso Pensamento, que fulmina e afasta os farçantes que pretendem fazer passar por bôa a sua doutrina de erro, de mentira e de falsidade. Quer êsse farçante seja o proprio pápa ou outro imbecil da escola e da força de qualquer escorropicha galhetas Romano—como os designa o padre Guimarães

Am.º e devotado corr.º

S. J. M.

PROFESSORES PRIMARIOS

Lembrâmos a êstes funcionários que estão em pagamento as folhas da renda de casa e de subsidio de renda de casa, relativas ao semestre que acabou em junho. O pagamento refere-se aos quatro concelhos dêste circulo escolar—Aveiro, Estarreja, Ilhavo e Vagos.

Cinêma

Principiam domingo no *Teatro Aveirense* os espectaculos cinematograficos com que a direcção se propõe inaugurar a época de inverno, devendo as duas sessões de cada noite ter logar, por enquanto, só ás quintas-feiras e domingos.

Os programas serão constantemente variados pelo que o publico terá ocasião de vêr o melhor que existe em fitas de arte, cientificas e de palpitante atualidade.

Longe vá o agouro

Informam as gasêtas ter regressado a *pelingrinação* que ha dias fôra até Lourdes lavar-se na milagrosa agua que, apesar dos seus afamados créditos, sofre já vantajosa competencia das de Vidago, Curía e Lombadas.

Não nos dizem, porém, êsses jornaes ter-se dado entre os *pelingrinos* algum milagre dos muitos que por ali ocorrem, alguns até durante a viagem, que de ordinário e com mais frequencia se manifestam nas devotas da Senhora...

O que registam os papeis é ter sido recebida a *pelingrinação* pelo simpático bispo de Beja, que abençoou os *pelingrinos* acompanhando-os até á partida!...

Como bons cristãos, quanto pedimos á Virgem é que o reverendo e dulcissimo senhor Bispo não seja atacado de alguma doença egual áquéla que tão inesperada e abrutamente prostrou a excelsa princêsa Vitoria na sua viagem de nupcias... Muito nos custaría conhecer do facto e anciosos, como atualmente nos sucéde com o estado da augusta enferma, procurarmos as informações telegraficas expedidas a tal respeito.

Assim, teriâmos por exemplo de lêr: *O boletim medico relativo ao estado do simpático bispo de Beja, respeitante ás consequencias da sua enfermidade, acusa a extinção da febre, estar livre o rim esquerdo e haver melhorado sensivelmente o estado da bacia* (nêste caso bacio) *com o completo desaparecimento de... dôres...*

Longe vá o agouro.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco,* ao Rocio.

NA BEIRA

Até onde chega o desplante de um orgão da Companhia de Moçambique

Em carta devidamente registada envia-nos da Beira (Provincia de Moçambique) um grupo de republicanos composto dos cidadãos Alfredo Gomes Froes, Vitor Ventura Ferreira, Anibal Rezende, João Batista Ruiz, Anibal de Lima, Mario Ferreira Garção, João Luiz Milho, Mario Travassos Mendonça Santos e João de Freitas Barreto, o seu veemente protésto contra o artigo que apareceu inserto no n.º 70 do jornal inglês, *The Beira Post*, de 5 de Setembro, orgão oficioso da Companhia de Moçambique e por éla largamente subsidiado, pedindo-nos ao mesmo tempo que chamêmos a atenção do sr. ministro das Colonias para o que lá se escreve, sem respeito nenhum pela verdade, como se póde vêr na seguinte tradução feita do referido periodico, que diz textualmente:

«*Por uma agencia internacional foi-nos fornecida a seguinte informação ácêrca da presente situação da vida em Portugal*:

«As cousas estão consideravelmente mais sérias nêste país do que realmente se julga. O govêrno faz todo o possivel para diminuir o alarme que existe e tornar os factos mais suaves. No entanto isto está-se tornando cada vez menos possivel de realisar. Que uma outra conspiração muito séria se trama, o que é um segredo do dominio de todos; outro atentado muito bem organisado se está planeando contra a Republica. As recentes explosões de bombas servem de muitos avisos de que alguma cousa mais séria se está tramando. Em todos os meios ha descontentamentos; os realistas têm menos que fazer nos futuros destinos do que o que se diz. Tão depressa os tumultos tenham novo principio, uma questão de muito pouco tempo, agora baseada nos continuos boatos, os realistas poderão muito naturalmente tomar nêles parte activa, mas êles não serão os primeiros a darem começo, como já aconteceu, como as experiencias passadas nos têm demonstrado, êles por si só não pódem fazer nada e com a assistencia de outros, os resultados poderão tomar um aspecto muito diferente.

Isto é um país cheio de incertezas nos ultimos tempos; não é seguro afirmar com certeza o que poderá acontecer de um dia para o outro. Ha no entanto um ponto sobre o qual todo e qualquer que observar os factos de muito perto, concordará que naturalmente nunca mais gosaremos um periodo socegado, se é que já o passámos desde que acabou a monarquia—por algum tempo.

Tudo nos faz prevêr que um muito proximo atentado fará mais uma vez derrubar a Republica até aos seus alicerces e acabará de uma vez com éla, se de todo fôr possivel.

A industria encontra-se numa situação paralisada como nunca esteve, apezar de que o persistente esforço de um certo numero de jornaes para prejudicar as constantes emigrações do nosso país, que estão a olhos vistos aumentando consideravelmente. O povo observa muito bem o perigo de que está ameaçado o país, tratando de fazer o possivel para se pôr a salvo.

Aquêles que estão procurando novo campo de acção não são da classe da agricultura, antes pelo contrario a proporção maior daquêles que já retiraram e que continuam a abandonar o país são os bons mecanicos, *uma classe de que Portugal mal póde dispensar* e a sua drenagem está causando uma grande anciedade aos grandes centros industriaes.

O govêrno continua a assegurar-nos que o exercito e a marinha nunca estivéram tão leaes, apezar dos repetidos atentados para os desmoralisar.

Os socialistas estão dispostos a darem uma grande prova da sua lealdade. Se o dinheiro é a base principal de todo o mal, a sua falta é devida á sua saída. Varios esforços se tem feito nêste país para se levantar dinheiro com o fim de organisar novas e necessarias reformas. O mundo financeiro está naturalmente com muita relutancia em emprestar dinheiro a Portugal na presente situação tumultuosa em que se encontra. Um estudo mais completo das coisas daria um resultado mais desejado, no entanto não se póde dizer quando poderemos esperar um melhoramento. A ocasião não é certamente oportuna para a imposição de novos impostos. O govêrno ultimamente pensou em sobrecarregar o povo com impostos para os anuncios publicos exibidos nas ruas, nas estações do caminho de ferro, carros electricos, logares de comidas, casinos, teatros e outros logares publicos. Esta idéa foi praticamente abandonada em vista da indignação geral do publico. Como será obtido o dinheiro? Os que não trabalham e que o seu nome é a multidão, não poderão fazer o que já fizeram. O melhor da industria vae desaparecendo a pouco e pouco enquanto que os que ficam ou se recusam a pagar mais, ou se acham numa posição em que o não pódem fazer.»

Por aqui se vê o quanto é justificado o protésto dos republicanos residentes na Beira. Assim o sr. ministro das Colonias o ouça e providencie no sentido de acabar com todas as noticias tendenciosas que ácêrca de Portugal se vêm publicando na imprensa estrangeira, ainda por cima subsidiada por companhias do Estado, o que chega a ser um verdadeiro cumulo.

Atenção, srs. do govêrno! Muita atenção, sr. ministro das Colonias!

Repelindo

Eis-nos de novo em face do *Camaleão*, o nojento orgão dos *pardos* da Vera-Cruz.

Assim, é bom que se saiba, que deante duma nova afronta feita agora a correligionários que, pela sua conduta, pela sua honestidade, pelo seu caracter e independencia, merecem toda a nossa consideração, céssam os compromissos tomados com algumas pessoas de respeitabilidade social e politica e que nos levâram a publicar uma declaração, que é do conhecimento dos nossos leitores, para de novo nos ocuparmos do nauseabundo papel na parte respeitante ao que se lá diz de ofensivo para a dignidade de velhos republicanos, que não estivéram á espera do 5 de Outubro para se apresentárem como tal, amigos, ao lado de quem nos honramos de estar porque êles são a personificação dos mais puros sentimentos de moralidade, que não queremos confundir com a representada por gente que vive de expedientes baixos, repelindo assim o que de caviloso se contém nas colunas a um tempo empestadas e viscosas do pardacento jornaléco.

Se alguem julgou algum dia que estávamos coactos por dum momento para o outro termos emudecido, enganou-se. Nem coactos, nem engasgados, nem receiosos. Por simples consideração e disciplina quizémos mostrar que da nossa parte apenas existia e existe o desejo ardente de contribuir para a reforma de costumes dentro da Republica sem outro interesse mais que não seja dignifical-a, depurando o que é mau, sujo e vil. Por isso nos quedámos, silenciosos, quando ás nossas intenções e aos nossos escrupulos de republicanos duma só cara e côr fixa, sem confécção, vimos fazer inteira justiça. Deixámos, então, o orgão dos *pardos*. Hoje, porém, que êle reincide, vindo lança sobre velhos republicanos o anátema do seu despeito, não exitâmos em confundir uma vez mais o réles papelucho, que tanto honra as tradições da casta que representa e ao qual nós, a maioria dos nossos correligionários, de ha muito classificámos como meréce.

Vejam os leitores do *Democrata* ésta local insérta no numero de sabado da *honrada* gasêta:

Reintegração — Por sentença do meritissimo auditor administrativo do distrito, foi mandado reintegrar no cargo que por concurso lhe havia sido legalmente concedido de medico privativo do *Asilo Escola Distrital de Aveiro*, o sr. dr. Lourenço Peixinho, dêle esbulhado, vai em tres anos, por deliberação contra a qual recarreu para aquêle tribunal.

Fez-se uma reparação. **Com éla folgam a moralidade e a justiça,** tanta vez agravadas pelos odios ruins dos que só de odios vivem, só odios cultivam e só odios colhem.

Vitima dêles foi o sr. dr. Lourenço Peixinho até agora, a câmara municipal o será daqui em deante, até integral pagamento dos ordenados a que o reintegrado tem direito, em valor aproximado a seis centos e cincoenta mil reis, custas e selos do processo, que orçarão, pelo minimo, em tresentos.

Louve a câmara e lembre sempre o concelho quem lhe meteu êste rico pão em casa.

Estão perto as eleições municipaes. E' ocasião de compôr a lista e dar o voto ao fazedor do bôlo, que leva a massa de que ha-de fabricar o jardim do Rocio, a creação dum partido para parteira e outras economicas lindezas que da outra vez lhe não déram tempo para levar a cabo. Principio lhe deu êle...

Ao sr. dr. Peixinho, os nossos sincéros parabens.

Que refalsada má fé!

Fez-se uma reparação. Com éla folgam a moralidade e a justiça, diz-se mas não é a expressão da verdade.

A sentença que reintegrou o sr. dr. Lourenço Peixinho no logar de medico privativo dos asilos póde ser tudo menos uma reparação de direito porque o proprio sr. dr. Peixinho bem sabe as condições e porque conquistou aquêle logar. *Folgam a moralidade e a justiça,* não, porque nem os homens que dispensáram os serviços clinicos do sr. dr. Lourenço Peixinho são imoraes nem êles estávam á frente do municipio para cometer injustiças. E tanto assim é que basta lêr a proposta apresentada em sessão camarária pelo vereador Alfredo de Lima Castro, êsse respeitavel cidadão que toda a cidade estima por ser um verdadeiro homem de bem, para logo se vêr o espirito que animava a câmara a proceder da maneira que procedeu cortando uma verba que julgou indispensavel ao plano de economias com que se propoz administrar o concelho e que eram nem mais nem menos do que o inicio de vida nova, contra a qual nêsse tempo se não revoltou o *Camaleão* para agora vir dar *sincéros parabens* ao sr. dr. Peixinho e congratular-se com a decisão da auditoría que o mesmo é dizer com o aumento de despêsa que éssa sentença representa.

Mas tudo isso é logico desde que se trate dos *pardos*. Dos *pardos* da Vera Cruz, é bem de vêr, *que em todas as conjunturas estivéram ao lado do povo como defensores das suas regalias* muito embora nêste caso, como noutros identicos, êle seja o unico sobrecarregado.

Por nós diremos hoje o que dissémos ontem e repetimos no dia em que ao tribunal fomos chamados a depôr como testemunhas no recurso do sr. dr. Lourenço Peixinho **—não achâmos que seja preciso nos asilos de Aveiro um medico privativo porque além do serviço ser pouco ha os dois medicos municipaes que sempre o teem feito poupando á câmara o ordenado de 216$ que era quanto s. ex.ª recebia.**

Désta maneira estâmos com todos aquêles que pugnam por uma honésta administração dos dinheiros públicos. Désta maneira estâmos ao lado do autor da proposta a que acima aludimos e que não só honra o nosso presado correligionário Lima e Castro como aquêles dos seus colégas que a votáram sem reservados intuitos, mas tão sómente com o fito de serem uteis ao concelho poupando-lhe o dispendio de dinheiro com um logar inutil, como é o de medico privativo dos asilos.

Mas ouça-se o que diz o sr. Lima e Castro que temos muito tempo de falar:

PROPOSTA

Considerando que pelo art.º 103, n.º 7 do cod.º adm.º em vigor por força do dec. de 13 do corrente *(Diario do Govêrno* n.º 9 da Republica) é atribuição das câmaras municipaes extinguir empregos que se tornem desnecessarios;

Considerando que éssa faculdade tem logar ainda quando providos em empregos contra os quaes não haja motivo de procedimento (dec. de 4 de fevereiro de 1905) e especialmente quando de aí resulte uma economia de utilidade para a bôa administração do municipio—Resolução do M.º do R. de 28 de maio de 1892 e de 20 de março de 1901;

Considerando que o dec. de 13 do corrente e que pôz em vigor o codigo adm.º de 6 de maio de 1878, revogando o cod. adm.º de 4 de maio de 1896, mantem em vigor toda a legislação contida nêste ultimo, quando não contrarie as disposições do citado dec.º da Republica;

Considerando que pelo n.º 1.º do art.º 125 do cod.º de 1896 aos facultativos do Partido incumbe curar as creanças desvalidas e abandonadas, obrigação que é efectiva para o medico, quer as creanças estejam a cargo da municipalidade, quer de outra corporação ou entidade, visto que todos se incluem na classe de pobres, Res. M.º do R. de 14 de maio de 1903;

Considerando que o medico désta cidade Manuel Pereira da Cruz se presta a tratar gratuitamente as creanças dos Asilos a cargo dêste municipio;

Considerando que ás Câmaras assiste o direito de extinguir os empregos desnecessarios sem que os empregados nêles providos possam opôr direitos adqueridos que a lei não reconhece, Resol. do M. do R. de 17 de Abril de 1899;

Considerando que, em geral, são nulas todas as deliberações opostas ás leis e regulamentos da administração publica;

Considerando que o logar de professora da secção asilar Barbosa de Magalhães é desnecessario porque os serviços a cargo da professora nomeada pódem ser cabalmente desempenhados pela directora e a ajudante da referida secção, redundando de aí um beneficio de duzentos mil reis anuais para o cofre municipal;

Considerando que as ditas directora e ajudante se prontificaram a exercer, gratuitamente, o logar da mencionada professora;

Considerando que o logar de medico do Asilo Escola Districtal provido no medico Lourenço Peixinho, acarreta ao municipio um encargo desnecessario e ilegal mesmo e incompativel com a situação precaria da fazenda municipal;

Considerando que com a extincção do logar que se acha provido no medico Lourenço Peixinho se realisa uma economia anual de duzentos e dezeseis mil reis (216$000.)

Proponho:

Que sejam extinctos, por desnecessarios, os ditos logares de professora e medico, ouvindo previamente os referidos funccionarios para dizerem o que de direito se lhes oferecer, no praso de 30 dias.

Aveiro, sala das sessões, 26 de outubro de 1910.

O vereador

Alfredo A. de Lima Castro

Mau tempo

Desde a ultima semana de setembro que quasi não tem feito outra coisa senão chover, contando-se dias de verdadeira tempestade como foi, por exemplo, os de domingo e segunda-feira.

E a quadra outonal que era tão bonita em Aveiro!

PELA REPUBLICA

Um centro democrático em Esgueira

A sua inauguração soléne revestida de extraordinário brilho

Satisfazendo o convite com que fômos distinguidos, assistimos á inauguração do *Centro Republicano 31 de Janeiro*, realisada nas salas da sua séde, em Esgueira, no passado domingo, terceiro aniversário da proclamação do atual regimen.

Pela manhã tivéra logar tambem a inauguração das placas com a numenclatura de algumas das principaes ruas da freguezia, sendo por éssa ocasião queimado muito fogo, que se prolongou até á abertura da sessão inaugural do *Centro*, cêrca das 14 horas.

A rua onde fica situado o edificio estava vistosamente engalanada assim como o interior do *Centro*, vendo-se na sala das sessões, além do retrato do venerando presidente da Republica, cercado de palmas e de bandeiras, o do ilustre chefe do govêrno e outros. Ha uma profusão de flôres e ao abrir-se a sessão era numerosa a assistencia, que enchia completamente a vasta sala onde tomáva logar tambem um abundante numero de damas que, como sempre, davam a nota amena e risonha á assembleia.

O sr. Filinto Feio, administrador do concelho, como membro da comissão instaladôra do *Centro*, propõe para presidir ao acto o ilustre governador civil sr. dr. Alberto Vidal, que a assembleia acolhe entre um estrondear formidavel de palmas.

Por sua vez s. ex.ª convida a secretarial-o o representante do Directorio, sr. Silverio da Rocha e Cunha, capitão do porto de Aveiro e o sr. capitão de cavalaria 8, Edmundo Balsemão.

Lido o expediente que consta de telegramas e cartas dos cidadãos José e Joaquim Mateus Farto, tenente-coronel José Domingos Peres, Adelino da Silva Bastos, etc. toma a palavra o nobre governador civil

Dr. Alberto Vidal

que principia por dizer que muito agradece a honra concedida para presidir áquela festa mas que sente não possuir os dotes oratorios que éla requer, alegrando-se,todavia, porque éssa deficiencia será suprida com vantagem pelo verbo eloquente dos oradores já inscritos. Lamenta não poder conservar-se até ao fim de toda a sessão porque tem de assistir a outra identica, em Salreu, sua terra, a que não deseja faltar por principio algum. Dirá portanto como sabe e póde, destacando em primeiro logar os homens que consagraram a ideia de fundar um *Centro* ali, não só pela alta importancia que êle representa mas ainda pela luz e pela verdade que dêle irradiará pela discussão e pela propaganda. E' necessario atender que a Patria entrando nésta nova fáse precisa de todo o apoio dêste e doutros centros que serão o seu sustentaculo para que dêles chegue ao conhecimento publico a realisação dos actos e medidas dos govêrnos. E' por isso que désta e de identicas iniciativas o país ha-de usufruir os melhores resultados.

Nêste dia, dedicado á grande festa patriotica, espera que a não menos grande revolução que se está operando no nosso país, que se ufana com as belas paginas da sua historia, o conduza ao logar a que tem direito entre o concerto dos povos cultos, para o que já é manifesto o empenho de todos os bons patriotas.

Inaugura o terceiro ano da sua existencia esta Republica da *canalha*, como ainda hoje são designados os republicanos pelos seus inimigos, no momento em que uns infames assalariados pretendendo assassinar o ilustre chefe do govêrno, dr. Afonso Costa, este os indulta, abrindo as portas a cêrca de 300 condenados.

Por ignorancia e por proposito tem-se desvirtuado a Republica e os homens que a servem. E' preciso, portanto, e êle, orador, o recomenda, que todos vejam com serenidade a obra do regimen para poderem indicar com consciencia o que êle tem feito de máu e de perigoso, que possa por qualquer fórma justificar esta atmosfera de receio e de duvida que os inimigos, que o não são das instituições mas da Patria *(vivos aplausos)* pretendem manter com tão gràves consequencias para todos.

Tanto êste govêrno como os outros tem produzido leis e medidas que apenas concorrem para étsa obra verdadeiramente grandiosa que está no espirito de todos.

Por isso é falsa e infundada a pretensa oposição a éssas leis, especialmente á de Separação, que entre todas é a maior. Trouxe éla a libertação das consciencias, permitindo que cada um siga a religião que quizér.

Pede a todos que lhe digam conscienciosa e verdadeiramente se as festas religiosas continuam ou não como outr'ora e se a alguem foi já proíbido que satisfizésse, como e quando entendesse, os seus deveres de consciencia religiosa. A Republica não guerreou as convicções religiosas de ninguem, porque, como lei basilar do regimen, éla creou e mantém a liberdade absoluta de consciencia, impondo e exigindo o respeito por todas as crenças.

Como a todas as leis, é cérto, tem-se feito uma guerra de toupeiras mas á de Separação, que no seu proprio titulo está designado o seu fim, a éssa tem sido formidavel a misera campanha movida.

Mas—segue o orador—cabe lembrar o adagio—*os cães ladram, mas a caravana passa!*

Junto a éssa lei temos, como é merecedor referir, a lei militar que nos traz para as fileiras, no proximo ano, mais cincoenta mil soldados, o que á monarquia sempre foi impossivel conseguir. Além disso tal lei visa a irmanar no serviço da Patria todos os homens, consignando-se assim o principio da egualdade, um dos lemas do novo regimen.

Temos ainda as leis sobre tributos, como a da contribuição predial podendo hoje dizer-se que pagam todos ou quasi todos—trabalho de grande e intenso valor devido tambem a um grande cidadão, que presentemente não é só admirado pelo país mas no estrangeiro, em todos os centros, conseguindo após a promulgação déstas medidas fechar o orçamento sem *deficit*—taréfa irrealisavel durante oitenta anos de monarquia constitucional!

Honra pois a este homem que tanto a peito tomou o programa da Republica, realisando a inegualavel taréfa da extinção do *deficit*, abismo para o fundo do qual já todos olhavam medindo a grandeza da quéda! *(Muitos aplausos, vivas ao dr. Afonso Costa, á Republica, etc.)* Ha todavia quem infelizmente ponha em duvida a veracidade do facto.

Contudo ainda ninguem, nenhum publicista grande ou pequeno, apareceu citando um erro, apontando uma falsidade com a qual ao menos reforçassem os seus argumentos, tão falsos como antipatrioticos. E' preciso estar de sobreaviso com os que acima da verdade inconfundivel colocam as suas paixões.

Terminando pede que o acompanhem nos vivas que vae erguer á Patria, ao presidente da Republica, ao sr. dr. Afonso Costa.

A assembleia que a êles calorosamente corresponde cobre de entusiasticas palmas as palavras do ilustre magistrado, chefe do districto, que se faz substituir, afim de partir para Salreu, pelo dr. Joaquim de Mélo Freitas.

A seguir é dada a palavra ao ilustre capitão do Porto sr.

Silverio da Rocha

Declina a razão da sua presença ali como representante do Directorio, e referindo apenas como opinião pessoal a inconveniencia da prematura divisão do historico partido republicano, constituindo-se outros grupos politicos, do que não cabe a responsabilidade ao velho partido, que sempre repudiou tal ideia, reconhece que a taréfa atual é pesada e gràve, pois o govêrno não só luta com os seus inimigos, mas tambem com os seus adversários dentro do proprio regimen. Atendendo á inclinação conservadora da sociedade é preciso que o partido republicano subsista vivendo dentro duma acção disciplinada forte e avançada.

Termina fazendo os mais ardentes votos para que o novo *Centro* inaugurado naquêle momento satisfaça por completo as suas funções.

Ao orador, que é muito aplaudido e que tambem se faz substituir pelo representante do *Centro Democratico de Angeja*, sr. João Pereira Serrano, segue-se o

Dr. Alberto Ruela

Fala em nome do *Centro Escolar Republicano de Aveiro* que ali representa. Alude ás grandes datas historicas republicanas, enaltece o esforço dos republicanos de Esgueira á frente dos quaes está Elisio Feio, encanecido na luta por êsse Ideal e aponta o dever de todos na defêsa do regimen e no afastamento de paixões mesquinhas que empanem o brilho da colossal obra que está em inicio.

Escutado com muito agrado pela numerosa assistencia, que conhece de ha muito a linha de conduta e o simpatico proceder do dr. Alberto Ruela, dispensou-lhe uma carinhosa manifestação, seguindo-se na inscrição o deputado

Dr. Marques da Costa

que a assembleia logo ovaciona com entusiasmo, manifesta e significativamente.

Principiou dizendo que, mal disposto, vinha, todavia, ali no cumprimento dum dever a que não se eximia por principio algum. Agradecia o convite que lhe fôra endereçado congratulando-se pela inauguração do *Centro* feita no aniversário do dia em que a Patria se libertára. Felicita os correligionários organisadores do *Centro* que representa mais um esforço para juntar a tantos outros sacrificios já feitos por velhos amigos e correligionários. Lembra a conveniencia de vigiar os falsos republicanos que vindo da monarquia apenas se tinham coberto com o barrete frigio mas que no fundo é a mesma gente eivada dos mesmos erros e vicios *(prolongados aplausos)* aptos para todas as traficancias e para todos os crimes.

O ilustre deputado aprecia a marcha do partido republicano, a suprema orientação dada e tomada nas grandes resoluções administrativas e politicas.

O orador, que faz um discurso verdadeiramente patriotico e de grande resultado persuasivo para a assembleia, é no final das suas palavras aclamado com entusiasmo ouvindo-se por largo tempo uma prolongada salva de palmas.

Fala depois o cidadão

Antonio Silva

filho de Esgueira, mas residente em Lisboa, que se congratula com a inauguração do novo *Centro* e faz confrontos entre os tempos idos e o presente.

Comove-se lembrando a justiça que implica o novo nome que foi dado a uma das ruas, que passa a ser designada por o apelido dum obscuro filho do povo, é certo, mas um devotado republicano, que como êle, ha 46 anos, batalhava por esse Ideal. Refere-se a Dias Cainarim que por certo muito poucos dos presentes teriam conhecido.

Lembra a conveniencia da defêsa do regimen e nomeadamente a de espancar o fanatismo religioso e a exploração que á sombra dêle é feita entre as classes menos cultas.

A assembleia aplaude e toma a seguir a palavra

Elisio Feio

que é recebido com prolongadas palmas e vivas á Republica.

Reconhece a sua insuficiencia oratoria, mas não podia deixar de agradecer as amaveis e imerecidas referencias feitas á sua pessoa pelos oradores antecedentes.

Estão ali republicanos e muitos talvez que o não sejam; todos sabem que os inimigos das instituições espalham que o *Centro*, que se inaugura naquéla atmosféra de paz e de civismo, que todos observam, tería de acabar! Declára que não, que éssa profecía se não realisará. Da sua parte e dos seus dedicados amigos tudo fará para que o *Centro* sobreviva a todas as dificuldades. Ele é para Esgueira um baluarte indispensavel e confessa que o anima e impulsiona a cêna historica passada com Guilherme Tell, o libertador da Suissa, ao atravessar o lago batido pelo vendaval ameaçando o fragil batel que o conduzia e ao filho. Este, receioso da submersão, aponta o perigo ao pae que por sua vez responde:—*nada receies meu filho; não sossobrâmos dentro dêste barco porque dentro dêle vae alguma cousa mais leve que o eter, menos denso que o ar—vae a Liberdade!*

A assembleia irrompe num estrondoso aplauso erguendo vivas á Liberdade e ao *Centro Republicano* de Esgueira.

Elisio Feio termina lembrando o desmedido auxilio recebido pelos correligionários locaes nomeadamente por tres cidadãos ha pouco regressados de S. Paulo, a quem saúda louvando-os pelo seu amor ás instituições.

Ergue-se por fim o nosso respeitavel amigo, sr.

Dr. Melo Freitas

que é recebido com vivo calor pela assembleia. Como sempre produz um magnifico discurso que se repercute proveitosamente no espirito dos assistentes.

Refere com excécional clarêsa toda a colossal obra do govêrno e da Republica; explica duma maneira convincente os fins da Lei de Separação; cáe a fundo sobre o fanatismo religioso e tem periodos de subida elevação quando define a divindade como êle a entende e quer. Faz largos confrontos entre a falsa religião e os verdadeiros sentimentos cristãos; recorda o grande acontecimento financeiro que implica o equilibrio orçamental que apesar de por miseras creaturas ser posto em duvida não apareceu uma só délas que por uma fórma concréta e insofismavel citasse um erro, apontasse um subterfugio; lembra os barbarismos praticádos pela India e por toda a parte onde junto com a nossa valentia de navegadores e descobridores iamos, fanatisádos pela cruz, que foi a ruina do nosso poderio pela intransigencia mantida na sua defêsa—*no crê ou morres.*

Meus senhores, exclama no final do seu magnifico discurso o orador: ha um rifão russo que reza assim:—*a velhice é uma candeia que bruxuleia exposta a uma corrente dar.* E eu estou velho.

Ressoam então na sala formidaveis aplausos traduzidos em vivissimas palmas com aclamações repetidas á Patria e á Republica executando as musicas o hino nacional.

Pouco depois o sr. Filinto Feio agradecendo á assembleia e aos oradores o seu valioso concurso faz votos para que se repita aquéla festa animada pelo mesmo amôr e grandêsa de sentimentos que naquêle momento todos reunia.

Em seguida foi levantada a sessão, dispersando a assistencia satisfeita.

Numa sala contigua e antes da saída dos convidados, serviu a comissão do *Centro* um fino e abundante copo de agua ao qual assistiu tambem bastantes senhoras. Ao *champagne*, o ilustre deputado dr. Marques da Costa bebeu pela saude e prosperidade do venerando chefe da nação, brinde que foi entusiastica e delirantemente correspondido. Seguiram-se-lhe os drs. Melo Freitas e Alberto Ruela, Filinto Feio, Arnaldo Ribeiro e outros convivas com brindes ao exercito, á marinha, á Republica, ao govêrno, ao dr. Afonso Costa, ás damas, á imprensa, republicanos locaes, ao novo *Centro*, etc., etc.

Em muitos dêsses brindes fôram feitas referencias ás memorias queridas dos que a morte impediu que presenceassem o triunfo do seu ideal: Manuel de Melo, Barbosa de Andrade, Francisco de Moura e Sertorio Afonso acudindo a muitos olhos lagrimas de pungente saudade e de intimo respeito.

Cá fóra as musicas executavam peças dos seus reportorios e estouravam morteiros numa persistencia aterradora para a *talassaria* indigena.

De novo agradecendo a amabilidade do convite reiterâmos os nossos desejos pela prosperidade do novo *Centro*, e ainda dos seus iniciadores e fundadores.

Para todos, como para nós, ficará por largo tempo no espirito a agradavel impressão do grande e alevantado civismo que a apreciavel e brilhante festa deixou.

NOTAS DA CARTEIRA

De visita a seu cunhado, o nosso amigo sr. Manuel Barreiros de Macedo, esteve em Aveiro o sr. João Dias Gomes, conhecido industrial na Povoa de Santa Iria e cujos cumprimentos muito lhe agradecemos.

= Regressou de Cêpos, Arganil, a esta cidade, o sr. Julio Martins de Almeida, professor da Escola Normal.

= Já se encontra tambem na sua casa de Esgueira com sua familia, vindo de Espinho, o nosso amigo sr. João Soares.

= Por terem acabado as férias judiciaes reassumiram os seus logares, nésta comarca, os srs. drs. José da Gama Regalão, meritissimo juiz e Adolfo Coutinho, delegado do Procurador da Republica.

= Esteve a passar alguns dias em Esgueira, sua terra natal, o nosso presado assinante, sr. Antonio Silva, que partiu na terça-feira para Lisboa.

= Faz depois de ámanhã anos a sr.ª D. Mécia de Barros Miranda Simão, dedicada esposa do nosso presado amigo, sr. Antonio Felizardo, digno chefe do posto aduaneiro désta cidade.

Os nossos parabens com o desejo de que a mesma data se repita com alegria por longo espaço de tempo.

Ultramar

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, rogamos a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

SETEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
12	ALLA
19	BRITO
26	REIS

Necrología

Vitimado pela tuberculose que o vinha minando de longa data, faleceu em Angeja, no dia 5 do corrente, o sr. José Pereira da Silva, presidente do *Centro Escolar Democratico* daquéla freguezia e irmão do sr. Manuel Pereira da Silva, rico proprietario ali residense.

O falecido, que tambem tinha alguns bens de fortuna, auxiliou sempre em tudo quanto poude os empreendimentos dos seus conterraneos motivo porque a morte do sr. José Pereira da Silva foi muito sentida por todos os habitantes de Angeja, indistintamente.

A' familia enlutada os nossos pêsames.

Comunicados

AO COMERCIO

Eu abaixo assinado, Alberto Souto, solteiro, residente em Aveiro, declaro para todos os efeitos que tendo meu irmão Virgilio Souto Ratola, casado, negociante, de Mamodeiro, Costa do Valado, Aveiro, reassumido a gerencia de sua casa depois do seu regresso do Brazil, deixei de administrar os seus negocios.

Ao mesmo tempo declaro que todos os seus credores verdadeiros foram reconhecidos na reunião de minha iniciativa em tempo para esse fim efectuada no escritorio do advogado sr. dr. Jaime Duarte Silva e que tendo conhecimento, ao assumir a administração da casa de meu irmão Virgilio, da existencia de letras por este aceites no valor de 2:200$000 reis em poder de Joaquim da Rocha, o *Maneta*, taberneiro, das Quintãs, e José Maria Lima, bateleiro, actualmente na Costs Nova do Prado, letras essas criminosamente conseguidas e que apenas representam uma burla e um roubo—contra esses dois individuos aliás bem conhecidos por identicas façanhas, apresentei queixa na policia, cujo inquerito enviado já a juizo aguarda o consequente procedimento.

Aviso, pois, todas as pessoas interessadas em negocios com os dois sitados individuos de que não devem negociar éssas letras que não epresentam nenhuma divida real e cuja origem criminosa será provada em juizo com todos os testemunhos, provas e documentos que existem em meu poder, em poder da policia e do respectivo advogado.

Aveiro, 25 de Setembro de 1913.

Alberto Souto

EM SALREU

Na casa, que foi, da residencia paroquial é inaugurado o novo Centro Republicano

Tendo a respectiva direcção conseguido de arrendamento o edificio paroquial para nêle ser instaládo o novo *Centro Republicano* de Salreu foi êste, na tarde do dia 5, solénemente inaugurado sob a presidencia do digno chefe dêste distrito, sr. dr. Alberto Vidal.

Antes da hora marcada, porém, distribuiu a direcção uma esmola a 70 pobres da freguezia que constou de 50 centavos a cada um em comemoração do acto revolucionário de ha tres anos.

As salas e fachada da casa estavam vistosamente engalanadas, sendo extraordinária a concorrencia que assistiu á distribuição das esmolas, ouvindo as palavras que, referentes não só áquêle gesto de altruismo como á comemoração do dia, fôram entre aplausos, proferidas pelo nobre governador civil.

Não podemos deixar de referir que alguns elementos reaccionários daquéla freguezia pretendendo realisar uma procissão, que êles designaram de *desagravo* (!!) mas que, apesar de todas as classificações, a autoridade civil, e muito bem, se negou a permitir, por não ser legal, êsses mesmos elementos, num pretenso gesto de imitação, resolveram tambem fazer uma distribuição de dinheiro pelos pobres, não se esquecendo, todavia, de desvial-os daquêle que era distribuido no *Centro*.

O ilustre governador civil, que é tambem o presidente do novo *Centro*, após a distribuição, explicou em especial aos 70 pobres contemplados, a significação da festa naquêle dia—5 de Outubro—felicitando-se e aos pobres por vêr que da iniciativa do *Centro* algum beneficio tinham êles colhido, exortando-os a amarem a Republica que no acto acabado ali de praticar não esquecia o lêma—*Fraternidade*—inscrito no seu codigo fundamental, principio que completa o austero lêma da Liberdade e Egualdade.

Disse-lhes que á Republica era completamente indiferente a materia religiosa e comparou a sua afirmação citando factos passados naquéla freguezia e que são do dominio de todos.

Dirigindo-se depois á assembleia, em geral, que enchia, á cunha, todas as salas, exaltou largamente a obra da Republica citando factos capitaes da regeneração patria já por éla realisada e acordando no espirito de todos a necessidade civica e patriotica da defêsa por todos os meios das instituições atuaes.

O discurso do digno magistrado foi coberto de geraes e quentes aplausos, sendo-lhe erguidos vivas calorosos assim como á Patria, ao dr. Afonso Costa, ao govêrno, ao presidente Arriaga emquanto a musica executava o hino nacional.

Concorreu para a realisação do bôdo a vereação municipal do concelho de Estarreja, a junta de paroquia de Salreu e o *Centro* que custeou tambem todas as despêsas feitas para a realisação da festa, que não faltâmos á verdade afirmando ter emocionado profundamente toda a população do logar e circunvisinhanças.

Colégio Julio Diniz

Abriu no dia 6 as suas aulas na importante vila de Ovar este antigo e conceituado colégio para os dois sexos, montado com todas as condições pedagogicas e egienicas, que é entre todos um dos primeiros do distrito de Aveiro.

Este estabelecimento habilita para exames de instrução primária e secundária, tem cursos especiaes de comercio e linguas e porque dispõe de pessoal competentissimo é tambem aquêle onde melhor se ensina lavores, desenho e pintura.

Não fazemos nada de mais recomendando-o.

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 2

Cumpre-se ou não a lei?

Sr. Redactor

Como o seu jornal é um dos que mais pugna pela justiça e comprimento das leis da Republica, venho pedir-lhe um cantinho para fazer publico perante as autoridades competentes, os grandes abusos que se cometem nésta freguezia, principalmente nos logares de Vilarinho e Povoa do Paço, sobre a lei da caça.

Todos os caçadores conhecem esta lei decretada ultimamente pela Republica Portuguêsa. Pois apezar disso a maior parte ou quasi tudo anda caçando sem as respectivas licenças. Ha dias ouvimos dizer a um dos muitos caçadores de aqui que nem tirava licenças, nem délas precisava e que havia de caçar mais do que aquêles que as tinham. Estes individuos não só deixam de cumprir a lei, como irritam os que a cumprem. Isto não póde ser. Ou a lei é geral, é para todos ou então deixa-se de cumprir, e esse pequeno numero obediente á lei não mais se ocupará a tirar licenças.

Sobre os direitos da caça diz a lei no artigo 4.º: *não é permitido o exercicio de caçar com arma de fogo aos menores de dezoito anos, surdos mudos e dementes.* Pois o que se está vendo por cá é o contrarío: menores, com armas, sem licenças, e dementes que por qualquer razão ameaçam logo com tiros e fazem tudo quanto querem, e ainda lhes sobra tempo para destruir cavas, leiras ou lapareiras, ninhos, ovos de especies úteis, o que é proíbido na lei da caça sem haver quem ponha côbro a tudo isto!

Pedem-se providencias.

S.

Pará, 14 de Setembro

Alguns monarquistas portuguêses aqui residentes, enviaram no dia 4 do corrente ao ex-rei D. Manuel um telegrama de felicitações pelo seu casamento, desejando-lhe que se perpetue o seu poder no trono português.

Tarde piaste...

=Partiu com destino a Cacia, no dia 5 do corrente o nosso amigo sr. Antonio Lourenço, aonde vai repousar por algum tempo das suas fadigas comerciaes, junto de sua familia.

Que tenha uma feliz viagem é o que lhe desejâmos.

=Enquanto á morte de Laura Augusta de Almeida, da Senhorinha, Sever do Vouga, assassinada no dia 25 de junho ultimo, pelo

francês Lavaine Augusto Vitor, este foi declarado irresponsavel pelo crime que cometera, visto ser considerado um desequilibrado e neurastenico.

=No dia 7 do corrente, realisou-se aqui um comicio de protésto contra o elemento extrangeiro, principalmente contra a colonia portuguêsa, que, como se sabe, é mal vista pela maioria dos brazileiros, os quaes fizéram distribuir na vespera, uns boletins incitando os seus patricios contra os portuguêses, tendo-se dado ainda algumas agressões de pequena importancia.

A causa do renascimento dêsse injustificado odio contra os luzos, foi o terem sido dispensados dos serviços da empreza ingleza, *Port-of-Pará*, um grande numero de brazileiros, visto que os extrangeiros são os preferidos para toda a ordem de trabalhos.

=Realisa-se este ano no dia 12 de outubro proximo, o *Cirio da Nazaré*.

=O *Centro Republicano Português* está se preparando para levar a efeito as festas do advento da Republica Portuguêsa no proximo dia 5 de outubro, que prometem ser deslumbrantes.

Devido á sua nova instalação, a séde do Centro tem sido frequentada por enorme quantidade de visitantes muitos dos quais tem sido inscritos como socios, cujo numero é já avultado.

Devemos dizer em abono da verdade, que o Centro Republicano do Pará é um dos melhores em todo o Brazil e um dos que mais tem trabalhado em prol da Republica.

=Têve logar no dia 12 do corrente pelas 20 horas, uma reunião da colonia portuguêsa, no Consulado, afim de resolver sobre se as mil libras enviadas ha tempo ao governo português para a compra de um aeroplano deviam ou não ser aplicadas no campo de aviação ou no dito aeroplano, tendo sido resolvido, por maioria, que o dinheiro deve ser aplicado nêste ultimo.

C.

Anuncios